

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES EM ESCOLAS PÚBLICAS DE ALAGOINHAS (BA)

Edite Nascimento Lopes¹

Resumo: Através desta pesquisa, pretende-se compreender os obstáculos e os desafios para construção de conhecimento sobre história e cultura afro-brasileira e africana nas práticas pedagógicas de professores atuantes em duas escolas públicas de Alagoinhas Bahia. Com a implantação da lei 10.639/2003 que estabelece o ensino dessa temática no ambiente escolar, percebem-se grandes dificuldades encontradas por partes de alguns professores na hora de aplicar os conteúdos em sala de aula, muitos desses educadores, não possuem cursos de formação sobre a temática e muito menos incentivo do Estado ou Município para que essa carência seja suprida. Diante destes fatos, acabam reproduzindo em suas práticas pedagógicas situações coerentes como também incoerentes sobre a história e cultura afro-brasileira e africana. Levando para sala de aula, conteúdos eivados de preconceitos e a imagem de uma África homogênea, que pouco contribui para entender a cultura afro-brasileira e africana. Neste aspecto, é preciso desmistificar a ideia de África monolítica, ainda enraizadas nas práticas pedagógicas de inúmeros professores. Para que possam construir conhecimento voltado para essa área para além dos saberes escolares e de fato contribuir para a consolidação da lei 10.639/03. Pela natureza do objeto que se pretende estudar e pelos objetivos deste projeto, trata de uma pesquisa qualitativa com inspiração nos princípios etnográficos, na qual pretende-se utilizar como instrumentos de coleta de dados a observação e a entrevista.

Palavras-chave: Cultura Afro-Brasileira e Africana, Práticas Pedagógicas, Lei 10.639/03.

INTRODUÇÃO

Diante de tantas incertezas apresentadas com os ventos da contemporaneidade, parece-me que algumas áreas do conhecimento existentes nas ciências humanas ainda permanecem pautadas em dogmas, difíceis de serem questionados, e por que não dizer, enfrentados. Devo insistir que tanto os conceitos, como as leis precisam, quase sempre, serem submetidos a análises que nos tragam certezas de seus significados. Não posso, entretanto, jogar no mesmo canal os regulamentos e os conceitos. Quanto aos conceitos, estou me referindo às ideias utilizadas para entender determinados fenômenos e realidades a partir do cenário educacional.

Se são os melhores, ou mais apropriados para traduzirem dadas realidades e fatos colocados diante dos estudiosos, cientistas sociais e intelectuais de modo geral, vai depender do ponto de partida de cada um. Sabe-se que Cultura, África, Escola não são apenas nomes. Antes de mais nada, todo e qualquer texto possui marcas indeleveis, que não estão em questão, são os “lugares de fala”, que indicam ser o conhecimento marcado pelo sujeito que escreve. Talvez hoje em dia possamos afirmar que toda e qualquer obra traz marcas diversas, a começar pela classe social a que pertence o indivíduo. Além disso, importa afirmar que ao longo do século XX importantes pensadores, que

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB). Linha de Pesquisa: Letramento, Identidade e Formação de Educadores. Orientadora: professora doutora Lícia Maria de Lima Barbosa. Endereço Eletrônico: editylopes@hotmail.com.

tiveram suas obras desdobradas sob a forma de influência para todas as áreas, se fizeram presentes a partir de suas teorias e conceitos nos estudos de outros (CERTEAU, 2010).

É pensando nessas perspectivas conceituais, que se faz necessário trazer questões sobre a regulamentação do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana a partir da promulgação da Lei 10.639/03, há treze anos. Percebe-se que o não-cumprimento do dispositivo legal ou abordagens simplistas e deturpadas do tema ainda são eminentes em algumas escolas. Essa situação persiste, pois muitos professores ainda não foram preparados para responder a essa demanda que foi gerada a partir da promulgação da lei supracitada (OLIVA, 2007). Para se chegar a essas reflexões, foram realizadas entrevistas, com um grande número de docentes que compõem a rede pública de ensino, no referido município, além de observações das aulas, nas quais se abordava o ensino da cultura afro-brasileira e africana.

ABORDAGEM TEÓRICA E METODOLÓGICA

Quando se estabelece um método dentro do campo da pesquisa, amplia-se a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos viventes e isso gera uma relação direta com o sujeito. Salienta-se que o resultado dessas relações contribuem para aproximação do corpo a corpo entre os viventes e os dispositivos. Sendo assim, analisar o tempo dentro de uma perspectiva moral e política, criticar as posturas governamentais existentes e até mesmo as posturas intersubjetivas, é uma relação singular com o próprio tempo. Partindo dessa concepção, que é necessário compreender os caminhos que levam o sujeito a atingir seus objetivos dentro do processo investigativo (FOUCAULT, 1979).

Os problemas e desafios que aparecem na hora de produzir conhecimento na área de história da África e da cultura afro-brasileira, são decorrentes de representações construídas, em geral, a partir da percepção exterior, assentadas em mitos e preconceitos. As sociedades africanas, por exemplo, podem até ser vizinhas, mas possuem hábitos, costumes e práticas totalmente distintas. Não são, portanto, passíveis de serem homogeneizados sob a perspectiva dos negros, ou mesmo de africanos. A África não é o lugar da violência, guerras, fomes, doenças, desordem e ausência de civilização (SERRANO; WALDMAN, 2010).

A recusa do passado científico e tecnológico dos povos africanos, por parte dos estudiosos do final do século XIX, deram a impressão ao restante do mundo de que os povos do continente africano não tiveram nenhuma contribuição para o conhecimento universal. Isso fica bem claro quando nos deparamos com representações eivadas de preconceitos, que colocam a África como um continente

eternamente pré-histórico, bárbaro, cujos habitantes são desprovidos de sabedorias, incapazes de construir ou transmitir conhecimentos, lugar de sol ardente, com paisagens sem belezas, onde se encontram vários animais selvagens (M´BOKOLO, 2009).

Vista dessa forma, a África é o “não lugar”, e não oferece as mínimas condições para sobrevivência de seres humanos. Só os selvagens, acostumados com tal “lugar”, que conseguem viver em tais condições. Durante muito tempo o ocidente conseguiu transmitir a imagem de que o desenvolvimento, o progresso, a civilização e, sobretudo, os valores culturais sempre fizeram parte de suas sociedades (BOAHEN, 2010). Os povos ocidentais supervalorizam suas culturas e colocam o outro, notadamente a África, em condições de inferioridades. Representações construídas, em geral, a partir da percepção exterior, assentadas em mitos e preconceitos diversos romperam a barreira do tempo, foram reformuladas, incorporaram novos esquemas e confluíram para o desenho da imagem da África que nos chegam até hoje pelos mais diversos mecanismos. Incluindo nesse aspecto, as práticas pedagógicas dos professores, que enfrentam problemas para compreender a dinâmica da cultura afro-brasileira por desconhecer o continente, em suas dimensões multiculturais:

O ser humano é, por natureza, um ser social. Cria e transmite conhecimento a seus semelhantes, principalmente por meio da linguagem. Em grupo, gera costumes e integra-se socialmente. Sua vida em coletividade possui regras, variáveis no tempo e no espaço. Ao conjunto de todas essas características dá-se o nome de cultura, que pode ser definida, nesse sentido, como o modo de ser e viver de um determinado grupo humano. Ela é formada por elementos materiais (objetos, edificações, instrumentos, formas de pensar, comportamento etc.). A cultura não é estática, ela sofre mudanças lentas ou rápidas, é importante saber que ainda hoje há sociedades com padrões culturais bastante diferentes. Grupos com modos de vida extremamente simples, ou complexas sociedades contemporâneas (SCHNEEBERGER, 2010, p. 11).

Deve-se possuir um método de trabalho que se proponha a dar conta da pesquisa, esses procedimentos que são adotados por cada um permitem compreender, dentro do campo científico, os conceitos e as séries criadas para explicar os caminhos que vão surgindo. É válido salientar que não se pode estudar o continente africano baseando-se nos valores ocidentais. Deve-se levar em consideração todo seu passado cultural e histórico, para que seja evitado o equívoco cometido por muitos estudiosos, que rejeitaram por muito tempo os milhares de anos de tradição dos povos africanos (KI-ZERBO, 2006). O que se percebe é que a história desses diferentes povos ainda é desprezada por alguns estudiosos, uma vez que muitos deles privilegiam a historiografia vinda por parte do ocidente, alegando que o referido continente não dispõe de fontes para ser estudadas. Argumentos como esses, eivados de concepções eurocentristas, não dão conta de que as heranças culturais da África contribuíram de forma significativa para a formação de várias civilizações em outros continentes. Ademais, os vários registros culturais, que foram deixados aqui no Brasil por

esses povos, que corroboraram de forma significativa para o alargamento da cultura afro-brasileira (TONIOSSO, 2011).

É nesse sentido que as Leis de Diretrizes e Bases da Educação brasileira destacam que é imprescindível uma mudança de postura por parte dos educadores das escolas públicas. Carecem se preparar e se instrumentalizar para garantir a consolidação da temática nas salas de aulas. Nas escolas públicas onde foram realizadas a pesquisa, percebeu-se que os professores continuam enfrentando desafios na hora de aplicar conteúdos sobre a história da África e da cultura afro-brasileira:

O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a educação das relações étnico-raciais, se desenvolverão no cotidiano das escolas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, como conteúdo de disciplinas particularmente Educação Artística, Literatura e História do Brasil, sem prejuízo das demais em atividades curriculares ou não, trabalhos em salas de aula, nos laboratórios de ciências e de informática, na utilização de sala de leitura, biblioteca, brinquedoteca, áreas de recreação, quadra de esportes e outros ambientes escolares (BRASIL, 2004, p. 21).

A linguagem científica da cultura quando é socialmente compartilhada passa a desempenhar um papel importante dentro da sociedade:

Se uma tal análise nos revela que tomando uma cultura individual como um todo coerente podemos definir uma série de determinantes gerais aos quais ela se tem de conformar, seremos capazes de fazer uma série de predições como orientação para pesquisa de campo, como medidas para tratamento comparativo e como medidas comuns no processo de adaptação e mudanças culturais. Deste ponto de vista a cultura não nos aparecerá como uma “colcha de retalhos”, como tem sido descrita até muito recentemente por um ou dois antropólogos competentes. A análise científica da cultura, contudo, pode apontar para outro sistema de realidades que também se adapta às leis gerais, e pode assim ser usada como um guia para o trabalho de campo, como um meio de identificação de realidades culturais (MALINOWSKI, 1975, p. 44).

A importância das atividades humanas e sua ligação com o processo cultural é indispensável para a captação da realidade social vivenciada no cenário escolar.

CONCLUSÃO

Conclui-se que, para falar da história da Cultura Afro-Brasileira e Africana no cenário escolar, é necessário conhecer esses povos em suas dimensões históricas. As informações trazidas por alguns estudiosos sobre a realidade atual do continente africano não são suficientes para julgar toda sua trajetória. Deve ser levado em consideração também todo o conhecimento adquirido em seus primórdios, já que o presente por si só não responde certas inquietações advindas de um passado colonizador. Para além dos olhares negativos em relação à história da África é preciso desconstruir em passo acelerado a “barragem de mitos” constituída sobre esta história. Com o apoio da

Arqueologia, civilizações inteiras foram descobertas, pondo por terra as afirmações de que o continente africano é destituído de história.

E ainda hoje, muitos estudiosos insistem em afirmar que o continente não possui contribuições para a história do mundo. As “Ciências”, marcadas por diferentes preconceitos, produziram obras que difundiam absurdos de toda ordem sobre o continente africano. Para além desta afirmação, o estereótipo é um olhar e uma fala bem-sucedida, que possui uma dimensão sólida, ao constituir uma realidade em cima do objeto que está sendo estereotipado. Dessa forma, o continente africano vem sendo discriminado, marginalizado e estereotipado nas representações feitas por diferentes agentes da cultura ocidental. Estas imagens chegam até nós, e ao próprio continente africano, impregnados de valores eurocentristas. Quase sempre a África é colocada na condição de coitadinha, seja na mídia ou fora dela, os povos africanos são tratados de forma homogênea, como se fossem simplesmente negros, ou, africanos. Estes estereótipos e clichês envolvem relações de interesses e poder que, de certa forma, contribuem para o discurso discriminatório.

É possível construir conhecimento na área da história africana e da cultura afro-brasileira, sem se remeter somente aos fatores negativos, as guerras, a escravidão, as doenças, as fomes e as catástrofes sociais. É preciso desmistificar a ideia da África como sendo um grande país, que ainda é trazida pelo grande número de docentes das escolas públicas do município de Alagoinhas Bahia. Só assim, a escola será vista como um espaço sociocultural em que o fazer docente contribui de forma significativa para o processo ensino e aprendizagem. E o aluno poderá atuar como sujeito crítico e consciente de suas ações dentro do panorama brasileiro.

REFERÊNCIAS

- BOAVENTURA, Edivaldo M. *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 2004.
- BOAHEN, Albert Adu. (Org.). *História Geral da África, vol. VII - África sob dominação colonial, 1880-1935*. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.
- BRASIL. *Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: DF, outubro, 2004.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BRUNSWCHWIG, Henri. *A partilha da África negra*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado (Org.). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula. Visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

KI-ZERBO, Joseph. *Para quando África?* Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw. Uma teoria científica da cultura. Caps. I, IV, VII, X. In. *Uma teoria científica da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. p. 13-16; 42-47; 69-75.

M´BOKOLO, Elikia. *África negra. História e civilizações – tomo I (até o século XVIII)*. Salvador: Editora da UFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.

OLIVA, Anderson Ribeiro. *Lições sobre a África: Diálogos entre as representações dos africanos no imaginário ocidental e o ensino da História da África no mundo atlântico (1990-2005)*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. *Memória d’África: a temática africana em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHNEEBERGER, Carlos Alberto. *Manual de História*. São Paulo: Rideel, 2010.

TONIOSSO, José P. *Ensino de história e cultura afro-brasileira: da legislação à prática docente*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda. Ribeirão Preto, 2011.